

memória



ADEMIR MEDICI
ademirmedici@dgabc.com.br
https://www.facebook.com/ademirmedici



A roda. O social. Um drama na velha São Paulo

"Irmã Angélica, a senhora lembra dos alarmes falsos dados pelos estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco? Eles tocavam o sino à noite e quando íamos verificar se era um bebê, encontrávamos bonecas de pano, bilhetes impertinentes e outras porcarias que eles colocavam na roda."

A *Irmã Rodelra*, conto que abre o livro *Abandonados na Roda: Destínos*, de Thais Matarazzo, lançado neste mês em São Paulo.

O drama do menor abandonado comove. O que mudou foi o seu formato. A literatura, o cinema, a novela, antigos programas de rádio perpetuaram o tempo da chamada "roda dos enjeitados". O recém-nascido fruto de relações proibidas para os padrões da época era simplesmente deixado em instituições de amparo. E

foram tão comuns que numa roda como estas, em que se trocam bujões de gás vazios por cheios, anônimos, geralmente mães solteiras, deixavam seus filhos, que passavam a ser criados por uma santa casa, por exemplo.

A "roda dos enjeitados" teve outros nomes. Alguns são listados por Ingrid Ribeiro de Souza no posfácio deste livro admirável e sensível da jornalista Thais Matarazzo.

Roda dos excluídos. Roda dos abandonados. Roda dos expostos são outros termos empregados por Ingrid ao historiar o que foi este tipo dramático de comportamento humano, já observado na Itália no século 4.

Thais Matarazzo realizou importante pesquisa na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e narra, em 17 contos, as trajetórias de algumas crianças que foram deixadas na roda dos expostos

da instituição entre 1848 e 1916.

O lançamento oficial do livro de Thais aconteceu no sábado, 22 de setembro, no Museu da Santa Casa de São Paulo. "Foi fabuloso, o livro teve grande procura. Eu não tinha nenhuma expectativa, sabemos como é difícil vender livros e fomentar a literatura no Brasil. Mas a história da roda é insólita", comenta a autora.

ENCANTAMENTO. TRISTEZA...

Um livro ficcional baseado em fatos reais. O leitor é conduzido por duas irmãs, as "freiras rodeiras", guardiãs da "roda dos expostos", e de repente se vê num cenário da São Paulo da virada do século 19 para o século 20. Ou então num povoado europeu distante, onde dois jovens se apaixonam e fogem, em direção ao Brasil e a São Paulo,

para tentar vida nova e esconder o fruto de um amor não aprovado pela sociedade.

Thais Matarazzo ilustra cada conto com fotos do domínio público que caracterizam os personagens. E conta com a arte da amiga Camila Giudice, artista plástica, autora de quatro ilustrações das capas e contracapas do livro, três das quais reproduzidas aqui na *Memória*.

Camila se baseou em pinturas, fotografias e informações históricas dos prédios que abrigaram os hospitais da Santa Casa de São Paulo.

Thais Matarazzo, por sua vez, completou a pesquisa de alguns poucos dos milhares de registros das crianças que foram abandonadas na roda dos expostos consultando o livro de batismos da Catedral da Sé. O resultado são enredos, tramas que emocionam. "Uma sensação de encantamento e, ao mesmo tempo,

de profunda tristeza", como escreve a autora.

Quem acompanha pelo noticiário uma rebelião de menores numa dessas instituições oficiais não pode imaginar o drama vivido por um ser humano abandonado na roda que dá título ao livro de Thais.

TRECHO

"Desesperado em sua angústia e miséria, sem ter a quem apelar após o batizado, Basílio pegou as meninas e as ajeitou num cesto de vime, tomou uma decisão: deixá-las na roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia (...) colocou o cestinho lá dentro, fechou a portinha e tocou a sineta. Segundos depois, saiu correndo..."

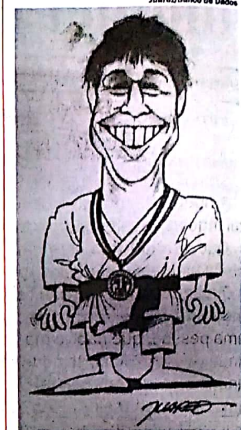
SERVIÇO

Editora Matarazzo. www.editoramatarazzo.com. Tel. (11) 3991-9506.

Diário há 30 anos

Sábado, 1º de outubro de 1988 – ano 31, edição 6872

Manchete – Judô de Santo André dá ouro ao Brasil
Aurélio Miguel, judoca meio-pesado da Pirelli, garantiu ontem a primeira medalha de ouro para o Brasil no penúltimo dia de competições dos Jogos Olímpicos de Seul.



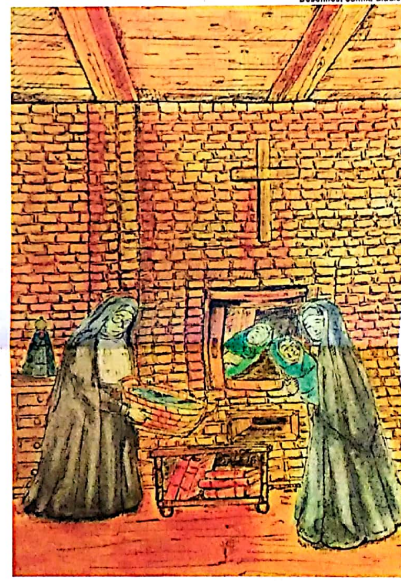
São Bernardo – Corporação Musical Carlos Gomes estreia novo fardamento. Maestro: Miguel Marotti.

Em 1º de outubro de...

1918 – O Ministério da Guerra manda expedir telegrama ao almirante Frontini, comandante da 1ª Esquadra Brasileira em operações de guerra na Europa, pedindo a relação dos marinheiros, fogueiros e tarefeiros falecidos vítimas da gripe espanhola.
■ O governo determinava a criação de um hospital de gripados na Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

Santos do Dia

- Rémy ou Remígio (França; Lyon, 440 – Reims, 533). Bispo. Fortaleceu o catolicismo em seu país.
- Teresa de Lisieux. Ou Santa Terezinha do Menino Jesus.
- Milor.
- Veríssimo.



DRAMATICIDADE. A caminhada. A sineta. O acolhimento. Na roda dos expostos da Santa Casa de São Paulo uma cena comum até o início do século passado. Nas ilustrações os prédios onde a Santa Casa funcionou no início do século 19, na Chácara dos Ingleses e Rua da Glória

† FALECIMENTOS

José dos Santos, Zelão

(*) Presidente Prudente, SP, 24-6-1955
(+) São Caetano, 21-9-2018

Na história do Jardim Santo Alberto, em Santo André, a presença de José dos Santos, o Zelão. Empresário, esportista, cidadão. Profissionalmente, era diretor da Contuflex, uma indústria da Zona Leste de São Paulo especializada em tubos flexíveis e conexões. Adorava futebol e automobilismo.

No futebol amador, colaborava

com clubes do distrito de Utinga, entre os quais a Secl, Chile e Nacional. Era o presidente de honra do Santo Alberto FC. No automobilismo, patrocinava provas de stock car.

"Sua morte foi uma grande perda para o Jardim Santo Alberto. Estamos em luto eterno", comenta o amigo Rubens Ferreira Soares, o Rubão.

Zelão era filho de Oliveira Francisco dos Santos e Edite dos Santos. Parte aos 63 anos. Foi sepultado no Cemitério Nossa Senhora do Carmo, em Vila Curuçá. Deixa mulher, dois filhos e um neto.



ZELÃO. Jardim Santo Alberto perde um filho querido

Santo André

Luiza Magrini da Silva, 102. Natural de Monte Sião (MG). Residia no bairro Campestre, em Santo André. Dia 26. Cemitério Municipal de Lins (SP).

São Bernardo

Marja de Lourdes Barrotti Unera, 88. Natural de Ribeirão Preto (SP). Residia no Jardim do Mar, em São Bernardo. Dia 26, em Santo André. Cemitério de Vila Euclides.

São Caetano

Marja Safrany, 92. Natural de São Caetano. Residia no Jardim do Mar, em São Bernardo. Dia 26, em Santo André. Cemitério São Caetano, Vila Paula.

Diadema

Robinson Rossetini, 81. Natural de São Paulo (SP). Residia no bairro Píraporinha, em Diadema. Dia 24, em Diadema. Jardim da Colina, em São Bernardo.

Mauá

José Bernardo da Silva, 88. Natural de Maceió (AL). Residia no Jardim Zaíra, em Mauá. Dia 27, em Santo André. Cemitério Santa Lídia.

Ribeirão Pires

Oswaldo Bernardo Perelra, 64. Natural de Quatá (SP). Residia no bairro Santa Luzia, em Ribeirão Pires. Dia 27, em Mauá. Cemitério São José.

Mais informações sobre o obituário no www.dgabc.com.br